

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 16

Data: 22.05.69

Pg.: 10/07

Os beijos-de-pau ouvem as próprias vozes, gravadas pelo padre Iasi

Da sucursal

Da Sucursal do Rio

Há pessoas interessadas em divulgar notícias alarmantes sobre os índios, que só atacam quando provocados ou em represália. O governo federal tem o propósito de defender os silvícolas, mesmo contrariando o interesse de civilizados. A informação partiu de um funcionário do Ministério do Interior, em conversa informal.

O assassinato de 4 garimpeiros que trabalhavam em Rondônia, que teria sido praticado por índios "cintas-largas", está sendo investigado pela 5.ª Delegacia Regional da FUNAI, de acordo com informação ontem prestada pelo presidente da Fundação Nacional do Índio, José Queiroz Campos.

Comentou o presidente da FUNAI que 90% das notícias alarmantes sobre proezas dos índios são falsas, acrescentando, no entanto, não ter tido ainda informações sobre as investigações que estão sendo processadas pela 5.ª Delegacia do órgão em questão.

"Amansar" os civilizados da região será a principal tarefa da Missão Peret, enviada pela FUNAI para tentar uma aproximação com os "cintas-largas", segundo afirmou o missionário jesuíta Antônio Iasi Jr., que está de passagem pela Guanabara.

O plano de pacificação dos "cintas-largas", disse o religioso, são as empresas que insistem em se instalar na região que foi reservada a esses silvícolas por decreto presidencial de n.º 63385, de 8 de outubro último.

O jesuíta reside há 6 anos em Mato Grosso, na prelazia de Diamantino, que abrange a região situada entre os rios Juruema e Xingu. Agora está trabalhando entre os "beijos-de-pau", cuja eficiência iniciou em 1967. Está na Guanabara procurando definir junto à FUNAI qual o cargo que ocupará dentro do esquema de pacificação dos "cintas-largas". Explicou que a Missão Peret foi organizada através de um pedido seu, comentando que até a chegada dos civilizados à região o trabalho da missão junto aos índios era relativamente fácil. Mas os atritos entre índios e trabalhadores das empresas passaram a ser muito frequentes, e o religioso pediu auxílio ao governo federal.

Índio só reage O índio, segundo o religioso, apenas ataca quando já tenha sido atacado em passado recente ou provocado por brancos. As tribos que nunca foram molestadas mostram a mesma boa vontade com relação aos visitantes. Os "beijos-de-pau", nos exemplos em 1963, receberam doces em

o fim de melhor se resguardarem dos ataques e para se protegerem do "pium", mosquito venenoso abundante na região. O rio Arinos vem sendo navegado desde o século passado, quando os exploradores fizeram referências aos "beijos-de-pau", então chamados "tapauas".

O grupo ao qual pertencem os "beijos-de-pau" ainda não foi definido exatamente. Padre Iasi acredita que eles pertencem ao ramo dos "suyá", do grupo Gê, o mais atrasado.

Os "suyá" atualmente habitam as margens do Xingu. No entanto, em fins do século passado — de acordo com o historiador Van den Stein — emigraram para a região onde moram agora os "beijos-de-pau". Ambas as tribos têm costumes semelhantes: o disco de madeira no labio inferior (de onde provém a denominação "beijos-de-pau"); e o desconhecimento de objetos de cerâmica e da rede de dormir.

Ataque traumatizante

O primeiro contato do pe. Iasi com os "beijos-de-pau" foi traumatizante, disse ele, pois os índios atacaram a expedição, que não foi chacinada apenas "por milagre". Nessa ocasião, com o auxílio de outro padre e de um índio irantixé, o jesuíta tentou construir um rancho à margem direita do Arinos, onde instalaria sua base de operação.

Despenderam 3 semanas para construir o rancho. Na 4.ª semana, no mês de maio de 1967, o padre e seus companheiros ouviram piros de aver-suspeitos e o cão policial que levavam começou a rosnar. O ataque dos índios veio logo em seguida, e durou 18 horas. O cão, varado por uma fleixa, sobreviveu. O pe. Iasi recolheu depois do ataque 30 fleixas. À noite fugiram de canoa. Antes de atingirem a outra margem ainda viram o rancho incendiado pelos índios.

Quatro meses depois os "beijos-de-pau" já chegavam até a margem do Arinos para ver a passagem da lancha da Cia. Colo-

nizadora Conomali e o pe. Iasi fez os primeiros contatos com a tribo, e inclusive foi possível gravar as vozes dos silvícolas. O idioma dos "beijos-de-pau", disse o religioso, apesar de pertencerem a um grupo indígena primitivo, é muito lógico e sintético. Suas vozes foram gravadas com o auxílio do piloto da lancha, Cândido, ele mesmo índio da tribo Apitê.